

# **FLEXIBILIZAÇÃO DO PLANO DE AULA NA APRENDIZAGEM E ENGAJAMENTO DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Flexibilização do Plano de Aula na Aprendizagem e Engajamento de Pessoas com  
Transtorno do Espectro Autista

Júlio César Ramos

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Aline Miranda Strapasson

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## **1 INTRODUÇÃO**

A Psicomotricidade é uma ciência cujo objeto de estudo é o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo (APA, 2019). Está relacionada ao processo de maturação, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas. Psicomotricidade é um termo empregado à uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito cuja ação é resultante de sua individualidade, linguagem e socialização (APA, 2019).

Utilizando a psicomotricidade, idealizou-se a implementação de circuitos motores na Associação Pais e Amor, que atende o público com Transtorno do Espectro Autista (TEA) de baixa renda, de Cachoeirinha/RS. O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades sociais, de comunicação e comportamentos estereotipados, afetando cerca de 1% da população, sendo quatro vezes mais comum em homens (Oliveira; Sertié, 2017).

A preocupação com os *déficits* motores em pessoas com TEA é uma demanda antiga da associação, devido à falta de espaços gratuitos que promovam atividade física e educação especializada, o que reforça a exclusão na Educação Física (EF). Analisando um cenário parecido e compreendendo a complexidade do espectro autista, Schliemann *et al.* (2020) destacam que pais de crianças com TEA, apesar de reconhecerem a importância da atividade física, enfrentam limitações financeiras, de tempo, falta de programas adequados e professores capacitados. Isso resulta na exclusão e desmotivação das pessoas, que

frequentemente enfrentam discriminação. Por sua vez, os professores lidam com a falta de apoio, recursos e formação, além da sobrecarga de alunos, dificultando a inclusão de estudantes com TEA.

Dessa forma, a intervenção psicomotora na Associação Pais e Amor buscou melhorar o desenvolvimento global e promover maior autonomia dos participantes.

Em se tratando a imprevisibilidade que pode acometer muitas pessoas com TEA, este relato de experiência teve como objetivo analisar o desenvolvimento do plano de aula; analisar como a flexibilização do plano influencia a aprendizagem e o engajamento nas atividades; investigar se o plano foi aplicado integralmente ou adaptado, identificando as modificações realizadas e seus motivos.

## **2 RELATANDO A EXPERIÊNCIA**

Ao iniciar trabalho voluntário na Associação Pais e Amor, em dezembro de 2022, fui convidado a criar um projeto de psicomotricidade com circuitos para desenvolver habilidades motoras de participantes com TEA. Inicialmente foi realizada uma entrevista de anamnese com os responsáveis pelos alunos, com o objetivo de coletar informações para orientar as intervenções e apresentar o projeto e seus objetivos.

Durante os sete meses de intervenção, enfrentei dificuldades com desistências e ausências frequentes. O programa iniciou com sete participantes (entre 5 a 28 anos), mas, devido às faltas, alguns foram substituídos. Ao final, restaram 6 pessoas.

Diante dos desafios enfrentados, decidi escrever um artigo sobre a experiência vivida entre maio e dezembro de 2023. O foco foi em dois participantes, Marcos e Enzo<sup>1</sup>, que se mantiveram engajados desde o início: Enzo, de 8 anos, verbal e com grau 1 de suporte, e Marcos, de 10 anos, não verbal, com grau 3 de suporte.

### **2.1 Iniciando a jornada**

Os conhecimentos adquiridos na graduação em EF permitiram entender a importância do planejamento das aulas e da elaboração de seu plano. Acredito que, além da adaptação inicial, é essencial realizar avaliações constantes durante a aplicação, ajustando o plano conforme as necessidades dos participantes. A avaliação foca não somente nos resultados dos alunos, mas nas mudanças necessárias no plano de aula, se os objetivos foram alcançados e

---

<sup>1</sup> Enzo e Marcos são nomes fictícios.

quais ajustes são requeridos.

Ao longo do curso, entendi a importância do planejamento por meio do plano de aula, o qual serve como guia essencial para o sucesso do ensino. No entanto, para o público com TEA, o plano pode se tornar secundário em alguns casos. Para Gonçalves e Santos (2021), os professores de EF devem ir além do planejamento de aulas com materiais adequados, sendo capazes de intervir no desenvolvimento de alunos com TEA, fazendo as adaptações necessárias durante as atividades. Além de profissionais, devem ser companheiros que ajudem a superar suas dificuldades com carinho e amor.

## **2.2 Conhecendo os meninos**

Enzo, 8 anos, diagnosticado com TEA aos 4, cursa o 2º ano e enfrenta desafios na construção de relacionamentos com os colegas, apesar de se esforçar. Ele é verbalmente expressivo, espontâneo e dedicado, mas apresenta dificuldades motoras, como receber bolas, falta de força nos membros superiores e dificuldades na coordenação motora fina. Também tem *déficits* de coordenação entre membros superiores e inferiores e costuma caminhar na ponta dos pés. Segundo Anjos *et al.* (2017) e Ataíde *et al.* (2023), crianças com TEA podem ter alterações motoras, como problemas de equilíbrio, marcha, destreza manual, habilidades com bola e controle de objetos.

Quando Enzo está entusiasmado com algo, costuma repetir várias vezes as mesmas frases, caracterizando a ecolalia, uma característica comum em pessoas com TEA, conforme Mauerberg-de-Castro (2005). Embora goste de desafios, ele às vezes se mostra inseguro e desiste das tarefas. Nesses momentos, é importante motivá-lo e reforçar sua confiança, elogiando seu desempenho e sugerindo pausas breves, além de adaptar as atividades conforme seus interesses.

A paixão de Enzo pela praia e seu hiperfoco em tubarões exemplificam outra característica do TEA. Segundo Matson e Love (2018), o hiperfoco pode envolver um intenso interesse por temas específicos ou atividades repetitivas. Sua empolgação pela viagem à praia com a família, observada antes do feriado de 15 de novembro de 2023, refletiu essa característica, tornando desafiador controlar sua animação, já que ele constantemente repetia sobre a viagem aguardada.

Marcos, 10 anos, diagnosticado com TEA aos 2 anos, cursa o 4º ano, não é verbal, mas se comunica eficazmente ao guiar pessoas para alcançar seus objetivos. Frequenta a escola

regularmente, mantém proximidade com os colegas, embora com interação limitada. Ele realiza bem as atividades motoras quando motivado, mas tem *déficit* na motricidade fina, enquanto a motricidade grossa é satisfatória.

Marcos, naturalmente tranquilo, prefere permanecer no balanço, demonstrando desorganização e estereotipias, como morder a mão, ao ser retirado. As estereotipias, segundo Barros e Fonte (2016), são movimentos repetitivos e sem finalidade, podendo incluir automutilação. Para evitar lesões, propunham-se atividades que envolvessem ambas as mãos, permitindo seu retorno ao balanço caso não aderisse.

Essas intervenções proporcionaram compreender algumas singularidades dos meninos, permitindo oferecer um suporte adaptado às suas necessidades específicas.

O acompanhamento de Enzo revelou expressão verbal marcante, esforço em construir relacionamentos e desafios motores, exigindo abordagens sensíveis e estratégias personalizadas. As abordagens incluíam escutá-lo e ajustar a intensidade das atividades para garantir que não se tornasse excessivamente desafiadora. Cada sessão era uma oportunidade de interação e de apoio ao seu desenvolvimento global.

A presença tranquila de Marcos, suas expressões não verbais eficazes e desafios na motricidade fina exigiram intervenções adaptadas. Embora ignorasse tentativas de diálogo, foi necessária uma abordagem persistente, guiando-o verbalmente e fisicamente para as atividades propostas, interrompendo o uso do balanço e direcionando-o com paciência.

### **2.3 Seguindo os planos**

Desde o início, elaborei os planos de aula centrados nos alunos, com base nas expectativas dos pais, expressas na anamnese. A mãe de Enzo esperava que ele desenvolvesse agilidade e habilidade, mas não especificou áreas. Ela reconhecia sua boa motricidade, mas achava que ele ainda estava aquém dos colegas da escola. O pai de Marcos desejava que ele se exercitasse mais e melhorasse sua interação social pois, ainda que incentivado a praticar exercícios, participava de poucas atividades físicas.

No primeiro encontro, criei uma aula simples focada em habilidades motoras como: correr, saltar, andar lateralmente e lançar uma bola, com o objetivo de identificar aspectos a serem trabalhados nas próximas sessões. A aula foi satisfatória com Enzo, que mostrou grande potencial, sendo receptivo, atencioso e cumprindo todas as tarefas. Já Marcos teve pouca receptividade, demonstrando desinteresse e passando grande parte do tempo no balanço. Seguir o plano com Marcos foi desafiador, pois o foco foi tirá-lo do balanço para

participar de outras atividades. Com persistência e ajuda do pai e da presidente da associação, conseguimos caminhar pelo jardim, embora ele tentasse retornar ao balanço. Mais tarde, sozinhos, consegui incentivá-lo a usar outro brinquedo, subindo na escada, permanecendo de pé e descendo pelo escorregador. A subida no brinquedo pela escada foi tranquila, porém, ao alcançar o topo, ele hesitou até conseguir ficar em pé e caminhar próximo ao escorregador. Ficou alguns minutos sentado até eu conseguir convencê-lo a descer escorregando.

Após o primeiro desfecho, Marcos tentou retornar ao balanço, mas consegui convencê-lo a subir novamente no brinquedo, com a condição de ir ao balanço depois. Desta vez, subiu as escadas com receio e, ao se aproximar do escorregador, engatinhou até a ponta e travou. Após um longo impasse, consegui convencê-lo a descer pela escada, encerrando a aula devido ao horário e à chegada do próximo aluno.

A situação ocorrida na referida aula foi um *insight* reflexivo no qual, ao lidarmos com um público tão singular, percebe-se que o plano de aula precisa estar sempre sob observação e em constante adaptação e flexibilização.

## **2.4 Planos de aula: navegando entre expectativas e realidades**

Planos de aula para alunos com TEA exigem maior consideração de variáveis do que para o público típico, destacando a necessidade de uma abordagem flexível e adaptativa às particularidades de cada aluno. Após a primeira aula, ficou evidente que cada plano precisava ser personalizado, pois as tarefas planejadas para Enzo não atenderiam às necessidades e características específicas de Marcos.

As aulas com Enzo foram, em geral, tranquilas, com aplicação integral dos planos. Ele costumava chegar demonstrando alegria, com abraços calorosos. Mas, na aula do dia 23 de novembro de 2023, Enzo chegou aborrecido e irritado, sem interagir inicialmente. Diante disso, optei por introduzir um "treinamento de futebol", que garantiu seu envolvimento ao longo de toda a aula. Apesar de fugir do plano original, a estratégia foi essencial para mantê-lo engajado.

Após essa aula, passei a elaborar circuitos motores com a temática de futebol, explorando o interesse de Enzo por chutes e cabeceios. Ao longo da intervenção, busquei oferecer um ambiente acolhedor, gerando um retorno positivo de Enzo, que demonstrou entusiasmo para as aulas e satisfação ao final delas.

A mãe de Enzo expressou grande satisfação com o trabalho, observando melhorias significativas na interação social de seu filho na escola. Ele passou a brincar com os colegas

no recreio, uma mudança que, segundo ela, se intensificou após as atividades na associação. Esses resultados destacam o impacto positivo das intervenções e a importância de abordagens personalizadas e inclusivas.

Ao contrário de Enzo, seguir os planos de aula com Marcos foi desafiador, pois ele sempre se dirigia para o balanço. Mesmo com nossos esforços, e após removermos o balanço preferido, Marcos escolheu outro e continuou com o mesmo ritual.

Tirar Marcos do balanço em cada sessão resultou em frequentes desorganizações. Camargo (2020) aponta que crianças com autismo podem exibir comportamentos agressivos ao enfrentar dificuldades de comunicação. Apesar da paciência e persistência, ele continuou resistindo, se negando a abandonar o balanço e a participar das atividades. Mesmo com adaptações semanais nos planos de aula, incluindo o balanço nas atividades como reforçador, ele não se envolveu de forma ativa. Em uma aula de dezembro, Marcos, como de costume, foi direto para o balanço, mas após algum esforço, consegui tirá-lo. Ele se dirigiu à mãe, onde encontrou uma árvore de Natal e ficou distraído com uma fita vermelha que arrancou de um enfeite. Aproveitei o momento para incentivá-lo a explorar o jardim, caminhando pelo meio-fio e trabalhando seu equilíbrio por cerca de 30 minutos. Embora a aula tenha desviado do plano original, foi uma manhã interessante, permitindo explorar novos contextos.

Um dia, Marcos chegou irritado devido a uma confusão de datas causada pela mãe e foi direto ao balanço. Diante disso, decidimos não insistir. Marcos tem uma rotina rígida e eventos inesperados como esse o desorganizam. Como mencionado por Nunes e Souza (2019), essa resistência à mudança e adesão estrita à rotina são características do espectro de estereotipias. Manter a rotina pode auxiliar a prevenir crises de agressividade em pessoas com TEA (Marqueze; Ravazzi, 2011).

As aulas com Marcos, em comparação com as de Enzo, ficaram aquém das expectativas, gerando considerável frustração. Ao compartilhar essa frustração com a mãe, ela relatou uma situação ocorrida dias antes. Enquanto estava na associação com o filho, permitiu que ele brincasse. Sem nenhuma surpresa, ele escolheu o balanço, mas, em determinado momento de distração, Marcos a surpreendeu ao acessar de forma espontânea o escorregador e desceu escorregando sem nenhum auxílio. Diante da frustração pela falta de avanços com Marcos, percebi que o progresso pode não ser sempre imediato ou óbvio. Certos aprendizados podem emergir em momentos específicos, como o episódio recém narrado. Isso ressaltou a importância de uma abordagem sensível, reconhecendo que as conquistas podem ocorrer de maneiras diversas e em momentos distintos. Compreender o desenvolvimento individual de

cada pessoa é essencial para uma intervenção eficaz, inclusiva e compassiva.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre o TEA é essencial superar estereótipos limitados e reconhecer que cada pessoa possui necessidades únicas que exigem compreensão e abordagem personalizada. Este estudo, envolvendo dois meninos com TEA, destaca a importância da personalização dos planos de aula. Através da aplicação de circuitos motores com estratégias inclusivas baseadas na abordagem psicomotora, buscamos avaliar a viabilidade e adequação dos planos, o engajamento dos alunos e as adaptações necessárias.

Os objetivos foram parcialmente alcançados: Enzo se mostrou engajado, apresentando melhorias significativas em sua interação social, confirmando a eficácia das intervenções personalizadas. No entanto, as dificuldades com Marcos evidenciam a complexidade do TEA e a necessidade de abordagens específicas para cada criança.

Os resultados destacam a eficácia das estratégias individualizadas para Enzo, mas a resistência de Marcos ressalta a importância de entender barreiras individuais e adotar abordagens alternativas. As limitações do estudo incluem a amostra restrita e a variabilidade do TEA, o que dificulta generalizações.

Em suma, este estudo oferece *insights* valiosos sobre a importância da individualização para criar ambientes educacionais mais inclusivos e adaptados para pessoas com TEA.

### REFERÊNCIAS

ANJOS, C. C. dos *et al.* Perfil psicomotor de crianças com Transtorno do Espectro Autista em Maceió. **Rev. Portal: Saúde e Sociedade**, v. 2, n. 2, p. 395-410, 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE. Disponível em: <<https://psicomotricidade.com.br/sobre/quem-e-o-psicomotricista/>> Acesso em: 22 de jan. 2019.

ATAIDE, C. E. R. *et al.* Estudo comparativo acerca do desempenho motor entre grupo controle e crianças com Transtorno do Espectro Autista. **REVISBRATO**, v. 7, n. 1, p. 1558-1574, 2023.

BARROS, I. B. do R.; FONTE, R. F. L. da. Estereotipias motoras e linguagem: aspectos

multimodais da negação no autismo. **Rev. Bras. de Linguística Aplicada**, v. 16, p. 745-763, 2016.

CAMARGO, S. P. H. *et al.* Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. **Educação em Revista**, v. 36, p. e214220, 2020.

GONÇALVES, P. da S.; SANTOS, T. K.. Desafios e estratégias na prática docente de professores de educação física com estudantes com transtorno do espectro autista. **Rev. Biomotriz**, v. 15, n. 1, p. 246-258, 2021.

MARQUEZE, L.; RAVAZZI, L. Inclusão de Autista nas aulas de Educação Física. In: **ANAIS do VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial**. Londrina – PR, nov. 2011. p. 1945-1956.

MATSON, J. L.; LOVE, S. R. **Examinando domínios de comportamento restrito e repetitivo para indivíduos com autismo de baixo funcionamento**. *Developmental Disabilities*, repositório Universitário da Ânima (RUNA), v. 72, p. 227-235, jun, 2018.

MAUERBERG-DE-CASTRO, E. M. de. **Atividade Física Adaptada**. São Paulo: Tecmedd, 2005.

NUNES, D. R. de P.; SOUZA, R. F. de. Transtornos do processamento sensorial no autismo: algumas considerações. **Rev. Educação Especial**, v. 32, p. 1-17, 2019.

OLIVEIRA, K. G.; SERTIÉ, A. L. **Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético**. Einstein (São Paulo), São Paulo, v. 15, n. 2, p. 233-238, abr. 2017.

SCHLIEMANN, A.; ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. Educação física inclusiva e autismo: perspectivas de pais, alunos, professores e seus desafios. **Rev. Bras. de Educação Física e Esporte**, v. 34, n. Esp., p. 77-86, 2020.

#### **Nota Sobre Autores:**

Aline Miranda Strapasson, Doutora em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas. Professora da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: [aline.strapasson@ufrgs.br](mailto:aline.strapasson@ufrgs.br)

Julio Cesar Ramos, Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor de Educação Física especializado no atendimento a pessoas com autismo, atuando na Associação Pais e Amor, localizada na cidade de Cachoeirinha, RS. E-mail: [julioed.fisica@yahoo.com](mailto:julioed.fisica@yahoo.com)